

Imaginário Social d' O Globo Acerca de Celebidades Criminosas e Manifestantes da Jornada de Junho. Quem São Os Bandidos?¹

Evson Malaquias de Moraes Santos²

Amanda Pereira Santos³

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Analisa-se e compara-se as significações imaginárias sociais do O Globo sobre criminosos célebres com os manifestantes da jornada de junho de 2013. Concentrar-se-á a pesquisa em duas “celebridades”: Roger Abdelmassih e Thor Batista. O jornal deu bastante destaque negativo aos movimentos sociais, culpando-os pela morte do cinegrafista da Band. Questiona-se: o tratamento com criminosos “ricos” e “celebridades” será adotado da mesma forma por essa instituição? Os princípios do Grupo Globo (imparcialidade e isenção jornalística) serão adotados diante das “celebridades criminosas”? Apesar da gravidade do crime, as celebridades são protegidas nas capas, nos textos, nas fotografias e na editoração, enquanto, os manifestantes são fartamente expostos e criminalizados (mal, caos).

Palavras Chaves: Imaginário social, celebridades/manifestantes, pureza/impureza/bandido

INTRODUÇÃO

Os estudos que se têm desenvolvido sobre as significações imaginárias sociais do Grupo Globo apontam representações, afetos e intencionalidades hierárquicas de gênero, racistas e de discriminação classista. Esta pesquisa foi motivada pela forma criminalística adotada por essa instituição, em especial, acerca da morte do cinegrafista da Band, Santiago Andrade, no Rio de Janeiro, em 11 de fevereiro de 2014, decorrente do rojão de fogos utilizado provavelmente por manifestantes e que, tudo indica, foi acidental; a morte dele, por suas lentes e tintas, foi decorrente de práticas criminosas, vândalas, de *black blocs*, e dos movimentos sociais reivindicativos “não pacíficos”.⁴

Pretende-se analisar as significações imaginárias sociais (Castoriadis, 2001) do Grupo Globo sobre brasileiros criminosos ricos (e celebridades) processados, julgados, alguns fartamente divulgados como envolvidos em escândalos financeiros – final da década de 90 até atuais. Para este artigo aqui, concentrar-se a pesquisa para duas “celebridades”: Roger

¹ Trabalho apresentado no DT do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Professor do Centro de Educação da UFPE/Brasil, evson@uol.com.br.

³ Estudante de graduação de Geografia da UFPE/Brasil, amandapsantos1@gmail.com

⁴ Segundo a ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), de junho de 2013 a fevereiro de 2014, 133 jornalistas foram agredidos e impedidos de exercerem o direito de trabalho, sendo essa violência cometida por seguranças privados (3, 3%), manifestantes (29, 21%) e policiais (101, 76%).

Abdelmassih e Thor Batista. Ver-se-á adiante que o Grupo Globo deu bastante destaque negativo aos movimentos sociais, culpando-os pela morte do cinegrafista e minimizando a violência policial.⁵ Inicialmente, questiona-se: o tratamento com criminosos “ricos” e “celebridades” será adotado da mesma forma por essa instituição? Os princípios do Grupo Globo defendem imparcialidade e isenção jornalística; serão capazes de garantir esses princípios diante dos “ricos” e de “celebridades criminosas”? Os “ricos” e as “celebridades” são “bandidos” e “criminosos” diante desse imaginário? – quais símbolos são recorrentes para instituir seu imaginário?

Tem-se a impressão de que o Grupo Globo (e a mídia em geral) se alimentam da epistemologia clássica/positivista do crime: há uma natureza má do “criminoso”, há uma determinação *a priori* que pode ser apreendida para prever o crime – o ambiente social entra como estereótipo. “Para Xavier (2008), “o paradigma criminológico opera com a visão maniqueísta do bem e do mal na sociedade e com o consenso de que não há problemas no Direito Penal, antes, nos indivíduos que o violam” (p.276).

As pesquisas acadêmicas vêm nos alertando para a “estetização da violência”, a fabricação, a naturalização, as imagens fotográficas de “bandidos” (os manifestantes “violentos” são “bandidos”), sempre desqualificadas. Os pobres e negros são “retratados” diferentemente dos de “cor” branca e dos “ricos”⁶ A maioria dos jornalistas entende de que não se deve “dar voz aos bandidos”. O editor-executivo de O Globo se pronuncia: “Se esses bandidos forem reconhecidos pelos órgãos de imprensa como entidades capazes de dialogar com a sociedade – pois é este o papel do jornalismo –, estaremos jogando contra. Eles não podem ser considerados interlocutores válidos no debate brasileiro”. (Ramos e Paiva,2007)⁷

⁵ O articulista de O Globo, Merval Pereira, no seu artigo intitulado “Terrorismo”, afirma categoricamente que se precisa dar um basta: “A violência chegou ao limite do suportável em uma sociedade democrática nessas manifestações utilizadas pelos Black blocs como pretexto para suas atuações terroristas” (11/2/2014, p. 4). O G1 (portal do Grupo Globo) e as reportagens dos programas jornalísticos da mesma empresa deram bastante ênfase ao acontecido. As matérias tratam a questão como crime.

⁶ Para Almeida (2013) por trás da fotografia policial há a discriminação racial: “em geral, essas imagens apresentam homens em situação de constrangimento, vestidos apenas de cueca ou sunga, que foram presos ou detidos por algum motivo referente a desordem, roubo, estupro ou outra manifestação desse gênero”. Ele destaca que, semelhantemente ao anterior relatado, os cadáveres de negros, aparecem “desnudos, vestidos apenas de sunga ou [cueca, enquanto] os cadáveres de indivíduos brancos aparecem vestidos” (2013, p.1565, 1567-8). Um fotógrafo de O Globo, André Luiz Azevedo, reconhece que há tratamento diferenciado: “os suspeitos de classe baixa encontram menos oportunidade de defesa nos jornais e chegam a ser obrigados a mostrar o rosto para os fotógrafos”.

⁷ Em seus “Princípios Editoriais... um “criminoso” para o Globo, é “sequestrador”, “assassino em série”, aquele que porta “arma”. Ou seja, dirige seu discurso, indiretamente, para negros e pobres no geral – e, talvez, para certa classe média-, já que um banqueiro e celebridade, presume-se, não irá portar armas por aí, pelas ruas, ameaçando e sequestrando pessoas. A isenção, na Seção I, aparece na alínea x: “denúncias feitas em entrevistas por *peessoas sem*

Interpreta-se o Brasil como uma sociedade fundada imaginariamente (Castoriadis, 2001) na hierarquia masculina, adulta e racista. Ou seja, uma sociedade de base patrimonial no sentido weberiano. Os três séculos de escravidão deixaram marcas indeléveis. A república incorporou – ou não as rompeu - as significações hierárquicas coloniais e imperiais. As “fases” autoritárias de governo republicano (República Velha, Estado Novo, ditadura civil-militar) explicitam essas significações hierárquicas no capitalismo, que, também, não pode ser outra coisa senão, inerentemente, hierárquica. As “fases” democráticas, pós-estado novo (General Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Juscelino Kubistchek, João Goulart), serviram principalmente à burguesia, aos senhores de terra e a seus representantes do Estado. Após o fim da ditadura civil-militar, que beneficiou o Grupo Globo, o Brasil configurou na presidência, na República democrática, os seguintes presidentes: Sarney (1985-1989), Collor de Mello (1990-1992), Itamar Franco (1992-1995), FHC (1995-2003), Lula (2003-2011), Dilma (2011...). O grupo globo sempre procurou bons laços com os governantes, mesmo com Lula e a Dilma, não os reconhecia como representantes confiáveis.⁸

Ora, esses posicionamentos políticos-ideológicos-eleitorais não coadunam com o seu discurso de jornalismo científico/profissional que se encontra em seus Princípios e constrói sua identidade (jornalismo de qualidade) – pergunta-se: parara quem e a serviço de quem está a qualidade? Se a instituição Globo está plenamente imbricada com interesses políticos-econômicos-ideológicos, ela está imbricada com significações de classe, de gênero e étnicas – são indissociáveis. Ela não poderá fugir delas, uma vez que são forjadas na representação da tradição social da Casa Grande. Esses laços políticos interferirão nas imagens construídas nas matérias com alguns dos presos “ricos”, quando alguns dos acusados ou penalizados tiverem relação com o governo Lula? Apesar de manter-se a orientação de classe, estes estarão mais em evidência do que os outros?

credibilidade, como criminosos, por exemplo, mesmo se identificadas, devem ser exaustivamente investigadas, antes de serem publicadas”. Na seção II, alínea f, argumenta que o jornalismo não deve ser “insensível a riscos evidentes” e dá um exemplo: “Para citar um exemplo, um vídeo divulgado por *um assassino em série* pode e deve ser divulgado...”.

⁸Herédia (2008) defende que O Globo em 2006, diferente de 1998, buscou influenciar as eleições do segundo turno. Nas eleições contra Alckmin, Lula obteve 48% de imagens negativas nas páginas do O Globo, com 45% de imagens neutras para o seu adversário. Nos meses de jul/ago não há quase nenhuma imagem positiva para o candidato Lula. Já Cunha (2005), em sua pesquisa, analisando o Jornal Nacional, chega à conclusão de que as imagens de Lula no segundo mandato são mais positivas que negativas (e/ou equilibradas, dependendo do tema em si). Até meados de 2004, a relação da Globo com o presidente Lula foi “um casamento extremamente harmônico”.

A fonte da pesquisa foi O Globo da internet. A amostra foi selecionada e extraída da seção busca, da página Acervo. Na seção busca, do Acervo, introduziram-se “nomes dos envolvidos”, “prisão de”, e, quando eram achados, eram salvos em pdf.

O imaginário social é “identificado” pelos seus efeitos. Afeto, conforme Zimmerman (2012), derivado do latim *afféctus*, refere-se a “um estado físico ou moral, uma *disposição de espírito*, sentimentos que afetam o psiquismo, tanto no que diz respeito a afeições (amizade, amor, ternura) como ao vocábulo *affecções*, no sentido de processo mórbido” (p.49). Pode, também, ser referido ao destinado: alguém é *afetado por* (Aulete, 2011). O afeto exprime “qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável (...) quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral (...) o afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações” (Laplanche e Pontalis, 1995, p.9).

Ora, esse afeto está implicado com o *investimento* canalizado para o objeto. Isso quer dizer que investimento é o uso de “uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc”. Chama-se a atenção, aqui, para o “quantum afetivo”, o “valor afetivo” dedicado ao objeto. (Laplanche e Pontalis, 1992, p. 254)

Para identificar o “afeto”, decidiu-se analisar as capas dos jornais desse período, identificando temas, imagens e suas frequências, computando os textos selecionados por palavras e frequências, identificando e selecionando os editoriais – porta-voz oficial dos donos dos jornais. Para efeito deste artigo, computaram-se e analisaram-se a frequência de palavras, medidas pelo programa *word*, após transformar as matérias salvas em pdf, imagem e convertidas para *word*.

Os Célebres, Criminosos e Bandidos?

Em 11 de fevereiro de 2014, morre o cinegrafista da Band, Santiago Andrade. Quatro dias antes, no dia 7 de fevereiro de 2014, ele é ferido por um rojão de fogos quando fazia as filmagens da manifestação política de jovens numa praça do Rio de Janeiro. Essa imagem será exaustivamente publicada em dias diferentes. Ela aparece 7 vezes (de 7 a 16 de fevereiro), sendo, em 07 de fevereiro, uma na capa e na página 18, 3 vezes seguidas, sequenciadas, para que o leitor se “transporte” para o momento da explosão. No dia 12 de fevereiro, estampa-se na capa, em retrato 3x4, a fotografia de Caio Silva de Souza. De

família humilde financeiramente, negro, foi acusado como “suspeito” e “procurado” pela polícia.

Antes de se entrar na análise do conteúdo das imagens e dos textos, apresentaremos a dimensão estrutural, da “figura” (no sentido Castoriadiano) instituída das significações das personalidades envolvidas. As “pessoas” não são “pessoas”, mas significações imaginárias *instituídas* de classe, étnica e de gênero – o que possibilita o pré-julgamento *naturalizado*.

Em primeiro lugar, Caio Silva, o suposto envolvido na morte do cinegrafista da Band, “localiza-se” no caderno primeiro, “Rio”. Contudo, as matérias aparecem em várias páginas espalhadas, não se apresentam condensadas numa única página. Isso chama a atenção de que O Globo se utiliza de “guerrilhas visuais” visando atacar o “suspeito” (implicados os movimentos sociais). É comum, também, não se concentrar em matérias, mas em notas, depoimentos, frases curtíssimas, isto é, o assunto da morte aparece em “flashes”, sistematicamente, forçando o leitor a tomar conhecimento e não esquecer o perigo que corremos denunciando a morte e os envolvidos. TB e RA aparecerão, também, em várias páginas da seção “Rio”. Contudo, o tratamento dispensado a estes diverge do daquele: nas matérias sobre essas celebridades, estão ausentes “flashes”, notas espalhadas e sequenciadas, charges, como em CS/ou na morte do cinegrafista, que encontramos abundantemente. As suas matérias eram condensadas numa única página, ou no máximo, em duas. Nas fotos publicadas nas capas e no interior do caderno percebe-se que os “ricos” são “protegidos” pelo o jornal O Globo – TB e RA ganharam esse privilégio: baixíssima quantidade de fotos (inclusive ausências nas capas), apesar da alta gravidade de sua ação: morte de ciclista e estupros de 54 mulheres.

Quanto aos “ricos”, eles aparecem nos cadernos Economia (empresários), País (políticos) e Rio (médico e filho de empresário). As informações prioritárias são matérias e concentradas numa página (à exceção dos políticos), a maior parte delas assinadas. Feita a apreciação geral, parte-se, agora, para concentrar-se nos estudos de Roger Abdelmassih e Thor Batista. Quanto às notícias nas capas de O Globo.

Tabela de capas com e sem fotos de todos envolvidos

Personagens	Capa		Capa com foto		Fotos Totais	Fotos dos criminosos
	Ausência	Presença	Ausência	Presença	Inclusive capas	
Caio Silva	0	10 (100%)	3 (30%)	7 (70%)	61	5 F; 9C (6,2)
Thor Batista	11 (91%)	2 (9%)	2 (100%)	0	19	7

Roger Abdelmassih	12 (86%)	2 (14%)	1 (50%)	1 (50%)	9 (2)	6 (2)
--------------------------	----------	---------	---------	---------	-------	-------

Fonte: elaborado pelo autor

Se se aceitar que um dos motivos da presença das chamadas na capa é a importância da notícia, a sua ausência pode ser vista como desimportante. Contudo, a ausência pode ser interpretada, também, como assunto importante para envolvidos em situações constrangedoras – e por isso mesmo, necessária ausência na capa. Sendo assim, Thor Batista e Roger Abdelmassih, foram “beneficiados” com suas ausências na capa do jornal. Os manifestantes foram bem mais expostos do que as celebridades. Nesse caso, esses, são mais significativos jornalisticamente, para O Globo, que as celebridades, que perdem importância quando estão envolvidos em crimes violentos. Veja-se a tabela seguinte, que se refere às frequências das manchetes das capas, e com ou ausências de fotografias.

Tabela das capas das primeiras divulgações

	Data	Data	Data	Data	Data	Data	Data	Data	Data	Data
Caio Silva e Fábio Raposo	07.02.14	08.02.14	09.02.14	10.02.14	11.02.14	12.02.14	13.02.14	14.02.14	15.02.14	16.02.14
	Rojão de fogos				morte do cinegrafista					
	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	s/foto	s/foto
Thor Batista	19.03.12	20.03.12	21.03.12	22.03.12	23.03.12	24.03.12	25.03.12	06.06.13		
	Atropelamento com morte	2		2	2	2	2	Homicídio culposo		
	s/foto	ausente	ausente	ausente	s/foto	ausente	ausente	ausente		

Fonte: elaborado pelo autor c/foto: capa com fotografia s/foto: capa sem fotografia

Em todos os dias investigados (de 7 a 16 de fevereiro de 2014), os manifestantes estão presentes nas capas. Isso já não acontece com Thor Batista, aparecendo apenas no dia do atropelamento, 19 de março, e no dia 23 de março de 2012; neste último, em uma pequena nota divulgando a coluna de Ancelmo Góis. Quando se incluem as frequências das fotos nas capas, os manifestantes estão presentes, das dez capas, em 8, com fotografias (80%). Já Thor Batista, com nenhuma fotografia (0%).

Se se analisarem as frequências das fotos, imagens diversas (charges, gráficos, etc), presença de textos (notas, matérias, depoimentos, artigos, etc), esses dados reforçam a análise aqui feita de hierarquia social, política, classista n’O Globo. Veja-se a tabela seguinte:

Tabela geral dos investigados Caio Silva/Fábio Raposo e Thor Batista

Nomes	Editorial	Colunista /Artigo/ Opinião	Matérias		Notas	Fotos	Charges	Depoimentos/ Frases
			Autorais	Não				
Caio Silva e Fábio Raposo	5	9 / 6 / 5	32	15	5	57	4	4/5
Thor Batista	0	0 / 0 / 0	21	16	0	26	0	0/0

Fonte: elaborado pelo autor

Percebem-se ausências de editoriais, de colunistas, de artigos, de opinião, de notas, entrevistados, de frases e charges sobre Thor Batista. Em polo oposto, presença constante para os manifestantes. Os dados das matérias com autoria e sem autoria podem sugerir que Thor Batista não tem muita importância, pois são quase iguais. Entretanto, chama-se a atenção aqui de que, Thor Batista recebeu muitas “notas” (textos curtos informativos, apenas), e não matérias, o que implica a ausência de autorias – forma de menosprezar importância para evidência jornalística. Entretanto, se se analisar o valor relativo, Thor Batista recebeu (distância entre autoria e não autoria: 1,31 vez) mais atenção de autoria do que os manifestantes (2,13 vezes de distância). Isto se explica, certamente, pela sua posição social e por o jornalista estar associado a ele – mesmo algumas notas se encontrando assinadas. Quanto à coluna das fotos, tratar-se-á separadamente, mais adiante. Esses dados indicam que os manifestantes são mais perigosos e importante do que Thor Batista, que matou um ciclista, atropelou um idoso e recebeu onze multas em apenas 18 meses, dessas, 7 relativas a alta velocidade.

Quando a pesquisa se dedicou aos estudos de frequência por matérias/ editoriais comparada com os acusados da morte do cinegrafista da Band, novos elementos entram em análise.

Tabela Geral das Matérias e Editoriais

Envolvido	Matérias		Editoriais		Colunas		Artigos/opiniã		Total	
	Pal.	Car.	Pal	Car.	Pal.	Car.	Pal.	Car.	Pal.	Car.
Caio e Fábio (10 dias)	22.072	113.823	1.964	10.53	4.627	23.401	5.338	27.833	34.00	175.591
Thor (33 dias)	11.023 2x	54.837 2,07x	0	0	207 22,35x	1.034 22,63x	0	0	11.20 02x	55.871 3,14x

Fonte: elaborado pelo autor

Primeiro elemento para se levar em consideração: esses dados dizem respeito a 10 dias (7 a 16 de fevereiro de 2014) de contagem de “Caio e Fábio”, contrastando com os de Thor Batista que dizem respeito a 33 dias de um período de 18 meses (aproximadamente 540 dias).

Observe-se que Thor Batista não mereceu nenhuma atenção do jornal nos editoriais e nos artigos e opiniões. Por esses indicadores, ele não é ameaça à sociedade, apesar de conter em seu currículo de volante: morte, acidentes e diversas multas sem punição do Estado. Nas colunas, esclarecer-se-á que o colunista que se envolveu com seu tema, apenas, foi Ancelmo Góis – coluna de informações gerais, em breves notas, da sociedade política, econômica, cultural e social. Caio e Fábio (manifestantes) recebem a atenção das colunas de política, economia e cultura, além de opiniões, de artigos e entrevistados. Ver-se-á isso mais adiante.

Quando a pesquisa compara o indicador “palavras” em investimentos de Caio/Fábio com Thor Batista, percebe-se o distanciamento enorme entre ambos. Caio e Fábio chegam a ter 3,02 vezes por parte do jornal O Globo, mais investimentos que Thor Batista. Extraíndo os valores dos editoriais, os artigos e opinião da contagem, mesmo assim, o investimento do jornal é da ordem de 2,37 vezes mais para os manifestantes sociais. Extraíndo-se os dados de todas as colunas com exceção das “matérias”, mesmo assim a diferença é extraordinária, com duas vezes mais matérias para os manifestantes do que para Thor Batista. Os manifestantes são perigosíssimos se comparados com o filho do empresário Eike Batista.

Com os indicadores “caracteres sem espaço e com títulos” se dão da mesma forma os dados. No geral, computando-se todos os dados das colunas, o jornal O Globo investiu 3,14 vezes mais nos manifestantes do que em Thor Batista. Extraíndo-se os editoriais e os artigos e as opiniões, o jornal investiu, mesmo assim, 2,45 vezes mais nos manifestantes do que no acidente envolvendo Thor Batista. Quando se computam apenas as matérias, mesmo assim encontram-se muito mais caracteres, chegando a ordem de 2,07 vezes a mais.

Levando-se em conta esses dados, pode-se concluir que os manifestantes são muito mais ameaçadores do que Thor Batista.

O dados comparados (anos de 2012 a 2013) de Thor são favoráveis a ele, se se levar em conta que são apenas dez dias dos manifestantes – esperava-se, assim, mais frequências de palavras para Thor Batista do que para os manifestantes (o que não se sucedeu). Procurar-se-á, agora, comparar os dados relativos a Thor Batista somente nos dias “quentes” do atropelamento seguido de morte, e, os relativos aos manifestantes quando da explosão do rojão seguida de morte.

Tabela de frequência de matérias comparativas entre Caio, Fábio e Thor Batista

	7 a 10 de fevereiro de 2014		11 a 16 de fevereiro de 2014		19 a 25 de março de 2012	
	Palavras	Caracteres	Palavras	Caracteres	Palavras	Caracteres
Caio e Fábio (4 / 6 dias)	5.609	29.562	18.174	92.840		
	Rojão de fogos		Morte do cinegrafista Band, Santiago Andrade			
Thor (7 dias)					3.471	17.168
					Morte do ciclista Wanderson dos Santos	

Fonte: elaborado pelo autor

Observe-se nesta tabela que, nos dias que se seguiram à morte do ciclista, investiram-se 3.471 palavras em 7 dias. Investiu-se em Caio/Fábio, em 4 dias, 5.609 palavras, ou seja, investiu-se 1,61 vez mais do que a morte do ciclista, mesmo os dias de contagem sendo inferiores aos de Thor Batista. Uma observação: essa comparação diz respeito, apenas, aos dias que sucederam à explosão do rojão de fogos que acidentou o cinegrafista da Band. Uma situação “explosão” sem morte; a outra situação, um “acidente” já com “morte”. Quando se comparam as matérias do dia da divulgação da morte do cinegrafista da Band, a diferença entre os manifestantes e Thor Batista aumenta extraordinariamente para 5,23 vezes a mais. Ou seja, a morte do ciclista não tem valor algum se comparada com a morte do cinegrafista da Band. Mas, nos dois casos, antes e depois da morte do cinegrafista da Band, os manifestantes se destacam negativamente mais do que Thor Batista.

Tabela de publicação das notícias integrais e parciais das notícias por página*

	Integral	Parcial
Caio/Fábio	31	4
Thor Batista	10**	23

*Excluída as capas, os editoriais, as colunas, as opiniões e os índices

** Processo/negociação de 2 milhões e exame toxicológico na vítima

Fonte: elaborado pelo autor

Essa tabela nos revela a importância que o jornal dá ao tema abordado. Notícias integrais são notícias que compõem toda a página com a mesma temática. Parciais, são notícias que partilham outras temáticas diferentes. Assim, percebe-se que os manifestantes (31) receberam atenção mais intensa que Thor Batista (10). Observe-se, também, que a frequência de Thor se fazia integral em páginas compartilhadas de colunistas e propagandas, ficando assim, exclusivas “matérias” (pode-se denominar como notas, apenas, por não haver investigação, entrevista ou dados adicionais ao tema. Por exemplo, informações da apreensão do carro, etc). Com Caio/Fábio, dá-se o contrário: páginas inteiras tomadas pelo assunto com 1 a 4 matérias compondo a página. Já nas notícias “parciais”, inverte-se a situação: Thor Batista assume 9 vezes mais matérias parciais do que os manifestantes.

Se se tomarem os dados de páginas integrais e parciais da semana da morte do ciclista e do cinegrafista da Band, encontrar-se-á a seguinte tabela:

Tabela de páginas integrais e parciais – comparação

	Integral	Parcial
Caio/Fábio (11 a 16 de Fevereiro 2014)	26 (93%)	2 (7%)
Thor Batista (19 a 25 de março de 2014)	3 (43%)	4 (57%)

Fonte: elaborado pelo autor

Percebe-se que o tema da morte do cinegrafista da Band, Santiago Andrade, recebeu mais importância que a morte do ciclista Wanderson Santos quando o indicador é página integral e parcial. Já em relação a Thor Batista quase se igualam as notícias parciais (57%) e integrais (43%), predominando as parciais.

Quanto às frequências nas capas dos jornais com fotografias e sem fotografia, o criminoso Roger Abdelmassih não está presente nas mesmas em fotografias, mesmo quando a Justiça reconhece seus crimes e sua punição.

NOMES	CAPA – DATA DAS PRIMEIRAS DIVULGAÇÕES									
	data	data	data	data	data	data	data	data	data	Data
Caio Silva Fábio Raposo	07.02.14	08.02.14	09.02.14	10.02.14	11.02.14 morte cinegrafista	12.02.14	13.02.14	14.02.14	15.02.14	16.02.14
	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	c/foto	s/foto	s/fo
Roger Abdelma	10.01.09	14.01.09	18.01.09	24.06.09	18.08.09	20.08.09	06.07.10	24.11.10	25 a 30.11.10	
	ausente	ausente	ausente	ausente	ausente	ausente	ausente	Condenação S/ foto	ausente	

C/foto: fotografia na capa do jornal s/foto: ausência de foto na capa do jornal

Fonte: elaborado pelo autor

Tanto Thor Batista quanto Roger Abdelmassih foram “protegidos” por não estarem identificados na primeira página ou no corpus do texto, com os seus nomes nos títulos sendo suprimidos, como o de Roger Abdelmassih. Em 10 de janeiro de 2009 ele é identificado no título como “médico renomado”; em 14 do mesmo mês, como “médico” e, abaixo, segue o seu nome. A partir daí, quase não é mais citado nos títulos das matérias, senão em 20 de agosto de 2009, 6 de julho de 2010 e em 24 de novembro, quando ele é condenado a 278 anos de prisão – mesmo assim, não existe fotografia dele na capa, apenas o título indicando sua pena, sem texto, num canto desvalorizado da página: direito inferior – do dia 25 a 30 de novembro do mesmo ano, não se encontra nenhuma matéria sobre a condenação e, como consequência, nenhuma presença em capa.

Ele foi identificado nos títulos das matérias como “médico renomado”, “médico”, “ginecologista”, “ex-médico”. Imagem de Thor aparece somente em 21 de março de 2012, na

terceira matéria sobre a morte do ciclista – mesmo assim, fotos pequenas do rosto e braços destacados, machucados, com escoriações, indicando, também, sofrimentos (vítima?). Não se encontram charges nas capas sobre os envoltivos de ambos – o que os diferencia de Caio Silva (presenças de 4 charges).

Quando a pesquisa investigou as frequências dos textos gerais, registrou-se a seguinte tabela:

Tabela Geral das Matérias e Editoriais

Envolvidos	Matérias		Editoriais		Colunas		Artigos/opinião		Total	
	Pal.	Car.	Pal.	Car.	Pal.	Car.	Pal.	Car.	Pal.	Car.
Caio e Fábio (10 dias)	22.072	113.823	1.964	10.53	4.627	23.401	5.338	27.833	34.001	175.591
Roger Abdelmassih (dias)	8.542 (2,58x)	44.276 (2,57x)	0	0	83 (55,74x)	394 (59,39x)	335 (15,93x)	1.706 (16,31x)	8.960 (3,79x)	46.376 (3,78)

Fonte: elaborado pelo autor

Diferentemente de Thor Batista, Roger Abdelmassih encontra-se presente em “artigos/opiniões”. Igualam-se no que diz respeito aos editoriais: nenhum recebeu investimento nos “editoriais”. Contudo, Roger Abdelmassih fica mais distante dos manifestantes do que Thor Batista, apesar de o “objeto” jornalístico, estupro de mais de 39 mulheres (e 54 estupros), de pessoas em parte personalidades, ser mais profundo do que um “acidente” automobilístico.

Se se tomar a frequência total, O Globo recorreu a 3,79 vezes mais palavras (34.001) para os manifestantes do que para o estuprador Roger Abdelmassih (8.960). Se se computarem apenas as matérias, os manifestantes receberam 2,6 vezes (22.072) mais do que ele (8.542), representando altíssimas frequências comparativas. Quanto aos caracteres não ocorreram mudanças significativas também: O Globo usou 3,78 vezes mais caracteres para os manifestantes do que para o médico Roger Abdelmassih. Na análise das matérias, mantém-se, também, essa diferença: o jornal usou 2,57 vezes a mais para os manifestantes do que nos crimes de Roger Abdelmassih.

Quanto à comparação do dia “quente” da divulgação, o dia do “rojão” e da morte do cinegrafista com Roger Abdelmassih, fica difícil, pois o segundo não tem dia “quente”, ou seja, não se encontram sequências de matérias por dia. Assim, escolheram-se os dias 22 a 24 de agosto de 2014, prisão de Roger Abdelmassih, como amostra, e, no caso dos manifestantes, os dias do rojão.

Viu-se que, se se somarem as frequências de palavras dos manifestantes nos dez dias de amostras para investigação, os manifestantes superaram em quase 4 vezes, as frequências referente a Roger Abdelmassih.

Se se analisarem apenas três dias, também, dos manifestantes, do dia 7 ao 9 de fevereiro de 2014, mesmo assim os manifestantes recebem quase o dobro de investimento de palavras (4.308). Ou seja, mesmo assim, os manifestantes são considerados muito mais perigosos do que o estuprador de mais de 39 mulheres (2.214).

Tabela de frequência comparativa entre Caio Silva e Fábio Raposo e Roger Abdelmassih

	7 a 9 de fevereiro de 2014		11 a 16 de fevereiro de 2014		20 a 22 de agosto de 2014	
	Palavras	Caracteres	Palavras	Caracteres	Palavras	Caracteres
Caio e Fábio dias)	4.308	22.593	18.174	92.840		
Roger Abdelma (3 dias)					2.214	11.297
					Preso e algemado	

Fonte: elaborado pelo autor

Se se tomarem os dados das amostras das páginas integrais e parciais, percebe-se, novamente, que os manifestantes são mais importantes do que Roger Abdelmassih.

Tabela de publicação das notícias integrais e parciais das notícias por página*

	Integral	Parcial
Caio Silva /Fábio Raposo	31	4
Roger Abdelmassih	1	14

*Excluídos os editoriais, seção de opinião, sumário, colunistas e capas

Fonte: elaborado pelo autor

Observe-se que a diferença é gritante se se tomar o investimento de “página integral”, havendo 30 vezes mais investimento nos manifestantes. Mesmo os dias em que foram feitas matérias sobre “prisão e algemado” (20 a 22 de agosto de 2014), as páginas não foram integrais, mas parciais.

Viu-se, também, que a localização da página que se encontram as matérias, influencia ou determina a construção da imagem. Viu-se que Thor Batista foi beneficiado neste item. Veja-se agora Roger Abdelmassih.

Tabela comparativa das publicações das matérias/páginas no Primeiro Caderno

	Outros*	O Tempo	Coluna fotográfica	Ancelmo Góis		Sumário	Total
				dentro	fora		
Caio Silva/Fábio Raposo	28 (75%)	3 (8%)	3 (8%)	0	1 (3%)	2 (6%)	37 (100%)
Roger Abdelmassih	15 (75%)	-	-	2 (10%)	0	3 (15%)	20 (100%)

Extraídos as frequências das capas, dos editoriais e das opiniões

Fonte: elaborado pelo autor

Por participar da seção “País”, do Primeiro Caderno, Roger Abdelmassih está ausente das colunas “O Tempo” e “Coluna Fotográfica”, pertencentes à seção “Rio”. Entretanto, encontra-se no “Sumário” e na coluna de “Ancelmo Góis” (inclusive na Coluna de Elio Gaspari). Constata-se a igualdade na percentagem nesses indicadores, contudo, deve-se levar em

conta que ele participa da seção “País”, possui a metade das matérias dos manifestantes, e estes receberam 30 vezes mais páginas integrais do que Roger Abdelmassih.

Analisando agora as outras matérias que compartilham o tema de crime dos investigados aqui, percebe-se que ele foi beneficiado em relação a Thor Batista.

Tabela de matérias que compartilham a mesma página

Envolvidos	Anúncios e Matérias Compartilhadas							
	Óbitos	Acidentes carro/trab	Crimes violentos/sexuais	Crimes de colarinho	Crimes empresariais	Educação	Política	Saúde pública
Caio/Fábio	11	1	2	0	0	0	0	0
Roger	0	1	1	10	0	3	5	0

Fonte: elaborado pelo autor

A imagem de Roger Abdelmassih, por não compartilhar matérias de crimes violentos (assaltos, sequestro, assassinatos, acidentes graves, etc), é protegida, pois predomina, quando elas são negativas, envolvendo crimes de colarinho branco (público e privado), por exemplo: “CGU pune ex-presidente por fraude”; “Castelo de Areia: juiz aceita denúncia”; “MP investiga denúncias de caixa 2 em Curitiba”, “Acusado de fraude é demitido da Dataprev” ; e, também, compartilha matérias políticas: “Recursos do PAC irrigam projetos políticos de Lindemberg”; “Prefeito critica Cabral e adianta polêmica no PT”; “FH critica governo por compra de submarinos”, etc.

Quando se investigam as propagandas que compartilham nas páginas das notícias investigadas, observa-se que aparecem poucas propagandas, e propagandas de anúncios de valor.

Tabela de propagandas que compartilham com as matérias dos invetigados nas páginas estudadas

Envolvido	Propagandas											
	Carro	Relógio/óelharia to Hugo	móvel	Ap. Eletro	Informática telefone	Alimento bidas	Curs	Hotel Cantor	Classi	Kalun	Govs.	outras
Caio	2	0	0	4	1	8	2	0	4	9	4	6
Roger	0	0	0	3	2	1	0	0	1	1	1	13

Fonte: elaborado pelo autor

As páginas, em sua maioria, estavam tomadas de matérias outras; quando apareciam propagandas, elas estavam presentes, sem destaque, em forma de quadrados pequenos na parte inferior do jornal. Eram páginas desvalorizadas em propagandas. Também tem-se que levar em conta que Roger Abdelmassih ficou em situação inferior quanto às frequências de matérias, tanto em relação aos manifestantes quanto a Thor Batista. Igualmente se pode entender isso como uma “indução” aos leitores de prestígios sociais não focarem nesta página específica. É importante registrar, diferentemente de Thor Batista, Roger

Abdelmassih era autor de matérias na seção opinião (18 de janeiro de 2011) e, também, fora objeto de entrevista (ou citado) sobre a sua especialidade profissional (nos dias 25 de fevereiro de 1999 e 23 de novembro de 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brevíssimo estudo histórico do Grupo Globo indica uma instituição imaginária conservadora, onipotente, desconhecadora da diferença e de baixo vínculo com a democracia. O estudo dos “Princípios Editoriais...” indica uma classificação étnica, classista hierárquica e machista. Os estudos de frequência mostram proteção aos ricos e violência simbólica aos manifestantes. A imparcialidade do O Globo não existe. Criminaliza os movimentos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Jorge dos Santos. **Periódicos: Memória visual das páginas policiais jornal da Bahia – A língua do Povo** (1990 – 1993). IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, 07 a 10 de maio de 2013 – Londrina-PR, Brasil. 2013. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Jose%20Jorge%20dos%20Santos%20Almeida.pdf>. Acesso em: 4 mai 2015.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. (Org.) GEIGER, Paulo. Rio de Janeiro: Lexicom, 2011.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. IN: **Teoria da cultura de massa**. (Org.) Luiz Costa Lima. 3ª. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra, 1990.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra, 1991.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. **Agora é Lula: enquadramentos do governo do PT pelo Jornal Nacional**, Bauru, Brasil, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-karenine-agora-lula-jornal-nacional.pdf>.

HERÉDIA, Leila (2008). **A retórica dos jornais**. 32º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, Brasil. Recuperado de http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2390&Itemid=230. Acesso em 4 mai 2015.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS. **Dicionário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RAMOS, Silvia e PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**, 2007. IUPERJ: Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/midia_e_violencia.pdf

XAVIER, Arnaldo A construção do conceito de criminosos na sociedade capitalista: um debate para o Serviço Social. Rev. Katál, Florianópolis, v.11, n.2, jul-Dez 2008, p.274-282. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/viewFile/S1414-49802008000200013/8328>. Acesso em: 4 mai 2015.

ZIMERMAN, David. E. **Etimologia de termos psicanalíticos**. Porto Alegre: Artmed, 2012.